O CÁRCERE TEM COR

Racismo, exploração e dominação no Brasil
20 de novembro · Dia de Zumbi dos Palmares

lutafob.org

ZUMBI VIVE NA LUTA

20 DE NOVEMBRO: A MEMÓRIA DE PALMARES

Em 20 de novembro de 1695, Zumbi dos Palmares foi morto pelas tropas a serviço da Coroa portuguesa e dos senhores de engenho. A data não lembra uma derrota: lembra quase um século de autogoverno dos de baixo.

Durante décadas, milhares de africanos escravizados, indígenas e pobres livres construíram na Serra da Barriga uma sociedade organizada fora do engenho, da Igreja e do Estado colonial. Foi justamente por isso que Palmares precisou ser destruída a ferro e fogo.

Três séculos depois, o 20 de novembro virou feriado nacional e entrou nos relatórios de diversidade das empresas. Mas a pergunta que interessa à classe trabalhadora não é se o Estado reconhece Zumbi, e sim o que esse mesmo Estado e esse mesmo capital fazem hoje com os descendentes de Palmares. Os dados de 2026 respondem: a população negra é maioria entre os que trabalham, entre os que ganham menos, entre os que morrem pelas mãos da polícia e entre os que estão presos.

> **Não são quatro problemas separados. São quatro faces de uma mesma engrenagem de exploração e dominação.**



Zumbi, óleo sobre tela de Antônio Parreiras, 1927.

Em números, a engrenagem tem três faces articuladas:

CÁRCERE

69,6% dos presos são negros, o maior percentual desde 2005.

POLÍCIA

6.602 pessoas mortas pela polícia em 2025; 82% eram negras.

TRABALHO

A mulher negra ganha 53% menos que o homem não negro.

O CÁRCERE TEM COR

O Brasil terminou 2025 com 964.668 pessoas presas e um déficit de 281.213 vagas. Em 2000 eram cerca de 174 mil: em um quarto de século, a população prisional cresceu 449%.

Nenhum indicador de "segurança" acompanhou esse ritmo. O que cresceu foi a capacidade do Estado de capturar, trancar e administrar corpos pobres. E esses corpos têm cor: em 2025, 69,6% da população prisional era negra, o maior percentual desde 2005, quando os dados passaram a ser separados por raça. Entre 2005 e 2024, o número de pessoas negras encarceradas passou de 91.843 para 532.683, quase seis vezes mais.

O encarceramento é a ponta visível de uma política que também mata. Em 2025, 79,7% das vítimas de mortes violentas no país eram negras. As polícias mataram 6.602 pessoas, recorde da série histórica, com 18 mortes por dia; 82% eram negras. No Rio de Janeiro, a "Operação Contenção", em outubro de 2025, deixou 122 mortos em dois dias, mais que o massacre do Carandiru.

O motor desse sistema é a "guerra às drogas". Pesquisa do Ipea mostrou que os processados por tráfico são majoritariamente homens (87%), jovens (72%) e negros (67%), e que a maioria não tem relação com facções. A lei deixa à polícia e ao juiz a distinção entre "usuário" e "traficante" e funciona, na prática, como filtro racial e territorial.

> **O mesmo ato é consumo no asfalto e tráfico na favela.**

INDICADOR	DADO	PERÍODO
Pessoas privadas de liberdade	964.668	fim de 2025
Crescimento da população prisional	+449%	2000–2025
Negros na população prisional	58,4% → 69,6%	2005 → 2025
Brancos na população prisional	39,8% → 29,2%	2005 → 2025
Negros entre as vítimas de mortes violentas	79,7%	2025
Mortes por intervenção policial	6.602 (82% negras)	2025

Fonte: FBSP, Anuários Brasileiros de Segurança Pública 2023, 2025 e 2026; Ipea.

MAIORIA QUE TRABALHA, MINORIA QUE MANDA

Do outro lado do muro está o mundo do trabalho. Pretos e pardos são 55,1% da população ocupada, mas apenas 30,7% dos cargos de gerência, e só 19,6% dos 20% de cargos de chefia mais bem pagos.

A diferença aparece em cada indicador do estudo *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça*, divulgado pelo IBGE em novembro de 2026. Uma hora de trabalho de uma pessoa negra vale, em média, R$ 16,60; a de uma pessoa branca, R$ 27,20. O diploma não fecha o fosso. A informalidade atinge 44,8% dos negros, contra 33,4% dos brancos. E 66,1% dos jovens que terminaram o ensino médio e deixaram de estudar para trabalhar são negros.

INDICADOR (2025)	BRANCOS	PRETOS E PARDOS
Participação entre os ocupados	43,8%	55,1%
Participação nos cargos gerenciais	67,4%	30,7%
Rendimento médio por hora	R$ 27,20	R$ 16,60
Rendimento/hora com ensino superior	R$ 46,10	R$ 33,00
Taxa de informalidade	33,4%	44,8%
Taxa de desocupação	4,3%	7,1% (pretos) · 6,5% (pardos)

Fonte: IBGE, Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil (nov. 2026), conforme divulgado pela imprensa.

Quando se cruzam raça e gênero, o boletim do DIEESE para o 20 de novembro de 2025 mostra uma escada de rendimentos com degraus bem marcados:

GRUPO	RENDIMENTO MÉDIO MENSAL	DIFERENÇA P/ HOMENS NÃO NEGROS
Homens não negros	R$ 4.835	—
Mulheres não negras	R$ 3.691	−23,7%
Homens negros	R$ 2.849	−41,1%
Mulheres negras	R$ 2.264	−53,2%

Fonte: DIEESE, Boletim Especial 20 de Novembro de 2025 (PNAD Contínua, 2º trim. 2025).

O homem negro ganha 41% menos que o homem não negro e, ao mesmo tempo, é o alvo preferencial da abordagem policial, da prisão por tráfico e da bala do Estado. **Não é coincidência que quem ocupa os postos mais precários (entregador, servente, ajudante, ambulante, vigia) seja também quem lota as celas.**

NA BASE DA PIRÂMIDE: AS MULHERES NEGRAS

Se o homem negro é o alvo preferencial do cárcere, a mulher negra é a base sobre a qual se apoia toda a economia da reprodução da vida.

A economista Janaína Feijó, pesquisadora do Instituto Brasileiro de Economia da FGV (FGV Ibre), acompanha com microdados da PNAD Contínua a posição das mulheres negras no mercado de trabalho. Seu levantamento mostra que elas recebiam, em média, R$ 1.948 por todos os trabalhos: **48% do que recebem os homens brancos e amarelos.**

GRUPO	RENDIMENTO MÉDIO HABITUAL	MULHERES NEGRAS RECEBEM
Homens brancos e amarelos	R$ 4.078	48%
Mulheres brancas e amarelas	R$ 3.157	62%
Homens negros	R$ 2.428	80%
Mulheres negras	R$ 1.948	—

Fonte: Janaína Feijó, FGV Ibre, microdados da PNAD Contínua/IBGE (1º trim. 2023, valores deflacionados).

O estudo desmonta a ideia de que a desigualdade seria só falta de "qualificação". A parcela de mulheres negras com ensino superior dobrou entre 2012 e 2023, de 6% para 12%. Mesmo assim, a desocupação entre elas era de 13,1%, contra 8% entre as mulheres brancas e amarelas, e 56% das ocupadas estavam nos serviços, no comércio e nas chamadas ocupações elementares: domésticas, faxineiras, ambulantes, auxiliares. Segundo Feijó, metade da distância de renda em relação aos homens brancos vem do tipo de atividade e de função que elas exercem. Nas palavras da pesquisadora: "Entra ano, sai ano, as desigualdades permanecem elevadas".

O DIEESE completa o quadro: 24 milhões de lares, 30% do total, são chefiados por mulheres negras; 49% delas ganham até um salário mínimo, contra 20% dos homens brancos; e 68% das 5,1 milhões de trabalhadoras domésticas do país são negras, herança direta da casa-grande.

São essas mesmas mulheres que sustentam as famílias quando o filho, o companheiro ou o irmão é preso; que enfrentam as filas de visita, as revistas vexatórias e o custo do "jumbo".

> **O encarceramento em massa não pune só quem está preso: joga trabalho não pago e uma enorme carga econômica sobre as mulheres negras do lado de fora.**

DO TRONCO À CELA: UMA SÓ ENGRENAGEM

Encarceramento e desigualdade salarial costumam ser tratados como temas separados. Não são: são dois momentos da organização racializada da força de trabalho no capitalismo dependente brasileiro.

A abolição de 1888 libertou os escravizados do senhor, mas não lhes deu terra, trabalho ou proteção. O Estado republicano importou mão de obra europeia e criminalizou a "vadiagem", a capoeira e os cultos afro-brasileiros. A população negra foi empurrada para a franja do mercado de trabalho, aquilo que Marx chamou de superpopulação relativa: uma massa sempre disponível, que pressiona os salários para baixo. Clóvis Moura mostrou como o racismo funcionou como mecanismo de barragem da ascensão negra; Lélia Gonzalez, como essa barragem pesa em dobro sobre a mulher negra.

Para a parte dessa massa que o trabalho formal não absorve, entra o Estado penal. Como mostrou Loïc Wacquant, o recuo das proteções sociais vem acompanhado da expansão da polícia e da prisão, que passam a gerir a pobreza pela punição. No Brasil, onde nunca houve Estado de bem-estar universal, essa gestão sempre foi feita pela força.

Para a tradição sindicalista revolucionária, o Estado não é árbitro neutro entre as classes. Como insistia Bakunin, exploração econômica e dominação política são inseparáveis: o capital precisa do Estado para garantir a propriedade e disciplinar o trabalho. No Brasil, o racismo é o fio que costura as duas pontas. A engrenagem tem três faces articuladas:

EXPLORAÇÃO
Força de trabalho negra rebaixada e concentrada nos postos mais precários.

CUIDADO
Trabalho de cuidado atribuído à mulher negra, mal pago ou não pago.

ESTADO PENAL
Polícia, lei de drogas e prisão para controlar quem o capital não absorve.

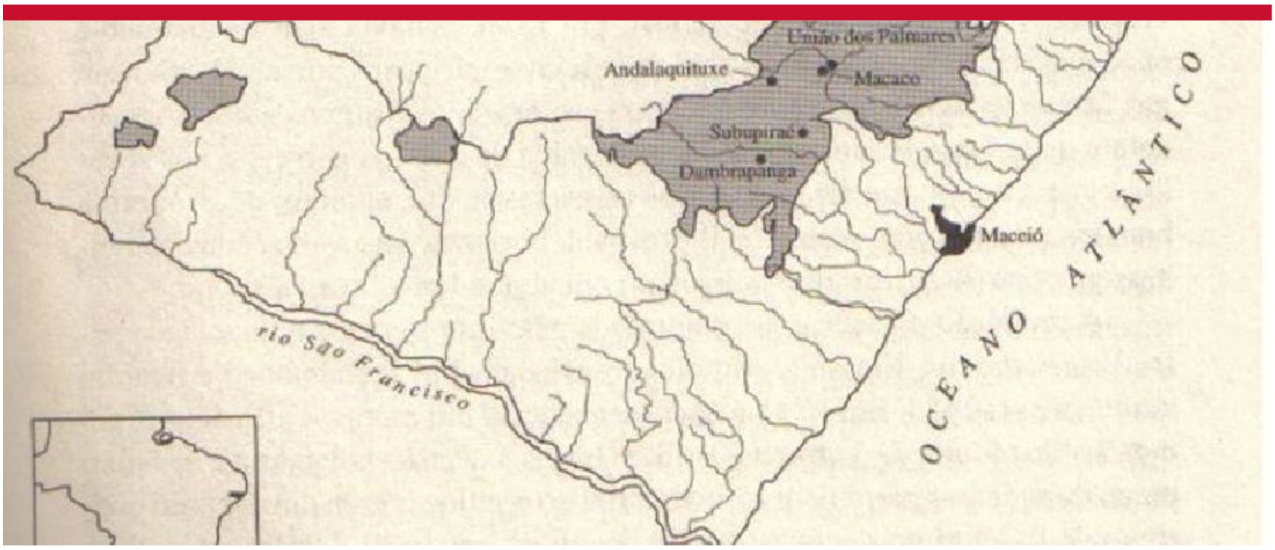
Por isso as respostas oficiais (cotas em conselhos de empresa, programas de diversidade, campanhas de "letramento racial") não tocam o núcleo do problema. Podem abrir portas para uma minoria, e isso não é desprezível, mas não alteram a função que a raça cumpre na reprodução do capital e do Estado.

> **Uma burguesia negra não liberta o trabalhador negro, assim como um chefe de polícia negro não desarma a polícia.**

PALMARES COMO HORIZONTE: ORGANIZAR A BASE

Palmares não pediu reconhecimento à Coroa. Organizou-se por fora dela, produziu coletivamente, defendeu-se e sobreviveu enquanto teve força própria.

A lição para hoje não é romântica, é prática: a população negra trabalhadora só enfrentará a engrenagem do cárcere e da superexploração com organização própria, independente dos partidos, dos governos e das empresas que celebram o 20 de novembro com uma mão e assinam a política de "guerra às drogas" com a outra.



Palmares: em cinza, a área de serras dos principais mocambos (Macaco, Subupira, Dambrabanga, Andalaquituxe), no atual território de Alagoas e Pernambuco.

A tradição sindicalista revolucionária aponta o caminho:

1. **Organizar os mais precarizados:** trabalhadoras domésticas, terceirizados da limpeza e da vigilância, entregadores, ambulantes e trabalhadores do cuidado, por local de trabalho e por território.
2. **Unir sindicato e território:** associações de moradores e comitês de favela que denunciem operações policiais, acompanhem prisões e organizem a solidariedade às famílias de presos.
3. **Combater a guerra às drogas** e a expansão do sistema prisional, que produzem morte, superlotação e fortalecem as facções que dizem combater.
4. **Pôr o cuidado no centro da pauta:** reconhecer, organizar e remunerar o trabalho das mulheres negras, inclusive o que o cárcere lhes impõe.
5. **Construir autonomia coletiva:** cooperativas, cozinhas e creches autogeridas. O quilombo como método, não só como memória.

CONSCIÊNCIA NEGRA É CONSCIÊNCIA DE CLASSE

Neste 20 de novembro, lembrar Zumbi é recusar a pacificação da data. Enquanto sete em cada dez presos forem negros, enquanto a mulher negra receber menos da metade do que recebe o homem branco, enquanto a polícia matar 18 pessoas por dia, a consciência negra só terá sentido se for consciência de classe em luta, e luta organizada pela base.

POR ISSO REIVINDICAMOS

→ **FIM DA GUERRA ÀS DROGAS E DO ENCARCERAMENTO EM MASSA**

→ **FIM DAS OPERAÇÕES POLICIAIS NAS FAVELAS E PERIFERIAS**

→ **DIREITOS PLENOS E SALÁRIO DIGNO PARA AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS E DO CUIDADO**

→ **DEMARCAÇÃO DE TODAS AS TERRAS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS**

CONTRA O RACISMO, A EXPLORAÇÃO E A DOMINAÇÃO: POR PALMARES, PELA LIBERDADE, PELA ORGANIZAÇÃO DOS DE BAIXO!

PARA APROFUNDAR

CLÓVIS MOURA
Dialética radical do Brasil negro

LÉLIA GONZALEZ
Racismo e sexismo na cultura brasileira

LOÏC WACQUANT
Punir os pobres

ANGELA DAVIS
Estarão as prisões obsoletas?

Fontes dos dados: FBSP, Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2026; IBGE, Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil (2026); DIEESE, Boletim Especial 20 de Novembro (2025); Janaína Feijó, FGV Ibre (2023 e 2024); Ipea, Perfil do processado e produção de provas nas ações criminais por tráfico de drogas.